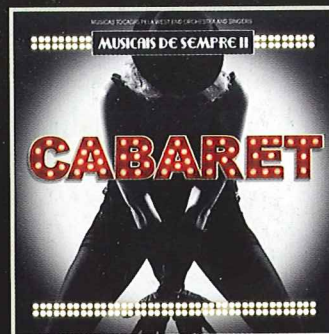


**DOSSIÊ PORTUGUESES QUE DÃO
A VOLTA À BANCARROTA**

CD GRÁTIS



3.º DE 4 CDs

PEÇA NA BANCA, SE NÃO ESTIVER COLADO

VISÃO

www.visao.pt Nº 945 • 14 a 20 de abril de 2011 • Continente e ilhas: € 3,00

BIRRRAS FATAIS

Conflitos pessoais, zangas e invejas entre poderosos influenciam os destinos do País.
Em que medida estão as rivalidades a matar Portugal?



CARAVANA VISÃO

**VIVER E MORRER NA
ESTRADA NACIONAL 125**

REPORTAGEM PRÉMIOS PRITZKER

**FOMOS CONHECER A 'CASA'
DE SOUTO MOURA E SIZA VIEIRA**



15 Radar

16 FLASHBACK Miguel Chaves

18 ENTREVISTA Bagão Félix

20 MAIS E MENOS

22 TRANSIÇÕES

24 IMAGEM

28 Portugal

30 **Polémica** Rivalidades fatais

42 **Parlamento** Um certo adeus

46 **Livro** Biografia de Passos Coelho

50 **Congresso** Uma espécie de missa

Economia

56 **Pacote** Quem vai mandar no País

64 Mundo

66 **Tunísia** À espera dos amigos

72 Sociedade

74 **Dossiê** Insolventes que saem do 'buraco'

82 **Alimentação** Consultório & cozinha

84 **Aventura** O barco de garrafas de plástico

86 **Perfil** O 'padre motard'

88 **Fotorreportagem** Vida interrompida

94 **Especial** A 'caravana VISÃO'

Cultura

100 **Arquitetura** A casa dos Pritzkers

108 **Música** Som (mesmo) livre

110 **Cinema** Um cemitério cheio de vida

112 **Pessoas**

Opinião

12 José Luís Peixoto

26 José Gil

40 José Carlos Vasconcelos

48 Áurea Sampaio

114 Ricardo Araújo Pereira



100 Histórias da Rua do Aleixo

Um bairro de má fama, no Porto, esconde um edifício único, que alberga os ateliês de Siza Vieira e de Eduardo Souto Moura, os dois galardoados com o prémio Pritzker. A VISÃO esteve lá

30 Birras que tramam o País

Duelos históricos, frases assassinas e prejuízos concretos. Em que medida está a rivalidade a matar o País?

56 Quem vai mandar em Portugal

Um discreto diretor da Comissão Europeia e um especialista estrela do FMI – o alemão Jürgen Kröger e o dinamarquês Poul Thomsen – já estão neste País cheio de sol... e de dívidas

66 Tunísia à espera dos amigos

Três meses depois da revolução, a Tunísia pede ajuda ao mundo: já não cheira a jasmim nas cidades e o turismo tornou-se uma miragem. Viagem por um país a tentar sobreviver

74 Portugueses insolventes que saem do 'buraco'

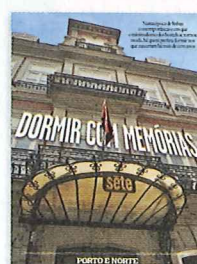
Casos exemplares e especialistas que explicam como evitar ou ultrapassar a bancarrota

VISÃO SETE Destacável



LISBOA E SUL Oceanário, nova casa para novos habitantes

A exposição temporária Tartarugas Marinhas. A Viagem marca a expansão do Oceanário de Lisboa



PORTO E NORTE Hotéis com história

Há cada vez mais alojamentos de linhas contemporâneas, mas há quem continue a preferir dormir nos que nasceram há mais de cem anos

Histórias da Rua do Aleixo

Um bairro de má fama, no Porto, esconde, entre muros altos, um edifício único, que alberga os ateliês de dois arquitetos galardoados com o prémio Pritzker: Eduardo Souto Moura e Álvaro Siza Vieira. A VISÃO esteve lá e descobriu um ambiente de grande partilha

POR JOANA LOUREIRO TEXTO E LUCÍLIA MONTEIRO FOTOS



Entre os colegas, especialmente os de fora do Porto, ninguém acreditava ser possível quatro arquitetos entenderem-se na escolha de um projeto que congregasse todos os seus ateliês. No início da década de 90 do século passado, Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira, Rogério Cavaca e Eduardo Souto Moura confiaram na amizade de longa data que os unia. Era raro o fim de semana em que não se encontravam para umas patuscadas, acompanhadas de conversas intermináveis. Juntos, tinham percorrido meio mundo, em viagens à volta do interesse comum pela arquitetura, e, por várias vezes, colaboraram em obras. Não seria um edifício a quebrar laços tão profundos. Pelo contrário: «Prolongou a amizade», defende Siza. «Quando partimos para a aventura, sabíamos que podíamos fazê-lo com segurança.» O prédio da Rua do Aleixo começaria a ser ocupado em 1995. E assim, Portugal, país periférico da grande Europa, tem, agora, um edifício cinzento e quase austero, que junta os ateliês de dois prémios Pritzker, sempre apresentado como «o Nobel da arquitetura».

Janelas a pedido

Durante algum tempo, procuraram um terreno. Na Rua do Aleixo, junto do bairro com o mesmo nome, na freguesia de Lordelo do Ouro, havia um local bonito, baratinho, com uma vista privilegiada para o rio Douro. A má fama da vizinhança, com os rodopios constantes, rua acima rua abaixo, do tráfico de droga, não os incomodava. Até porque «no terreno ao lado, onde havia uma antiga fábrica, estava prevista a criação do museu da indústria e ficaríamos perto de um equipamento cultural», recorda Siza. A fábrica acabou por arder num incêndio suspeito e, no seu lugar, construiu-se um condomínio privado, acentuando os contrastes sociais dentro do bairro.

Comprado o terreno, a inspiração instalou-se. Do grupo, três – Távora, Siza e Souto Moura – desenharam projetos e sujeitaram-nos a um concurso privado. «O júri éramos nós. Fazíamos reuniões em minha casa, que era o mais novo e tinha filhas pequenas. Discutíamos, atirávamos umas piadas e isso fortaleceu bastante a nossa amizade», diz Souto Moura. Na votação final, acrescenta Siza, «os meus colegas tiveram a gentileza ou a maldade de me encarregar de fazer o projeto». Com «a eco- ➤

'Via-se logo que não era caso para ficar a trabalhar para outro arquiteto', diz Siza sobre Souto Moura

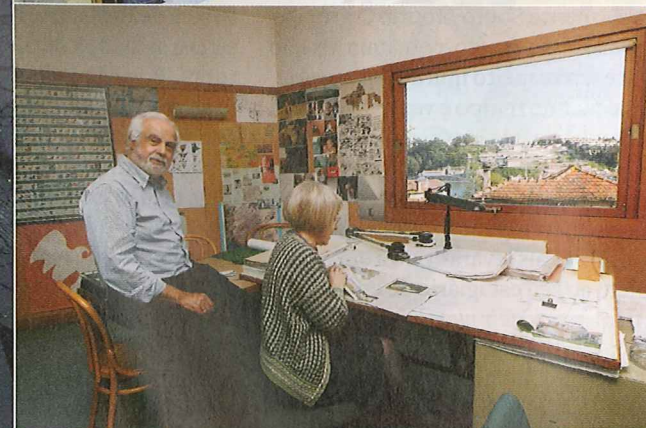
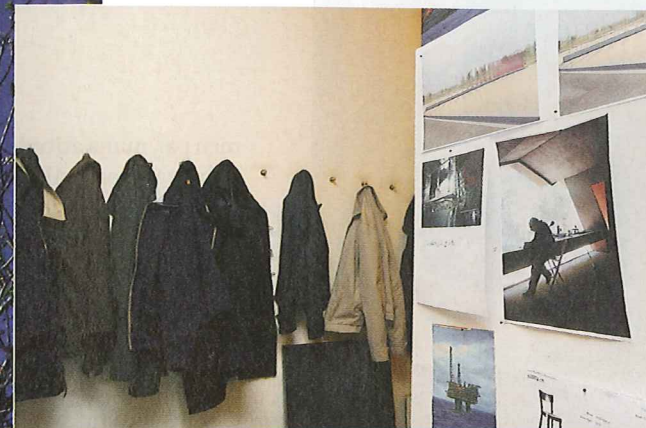
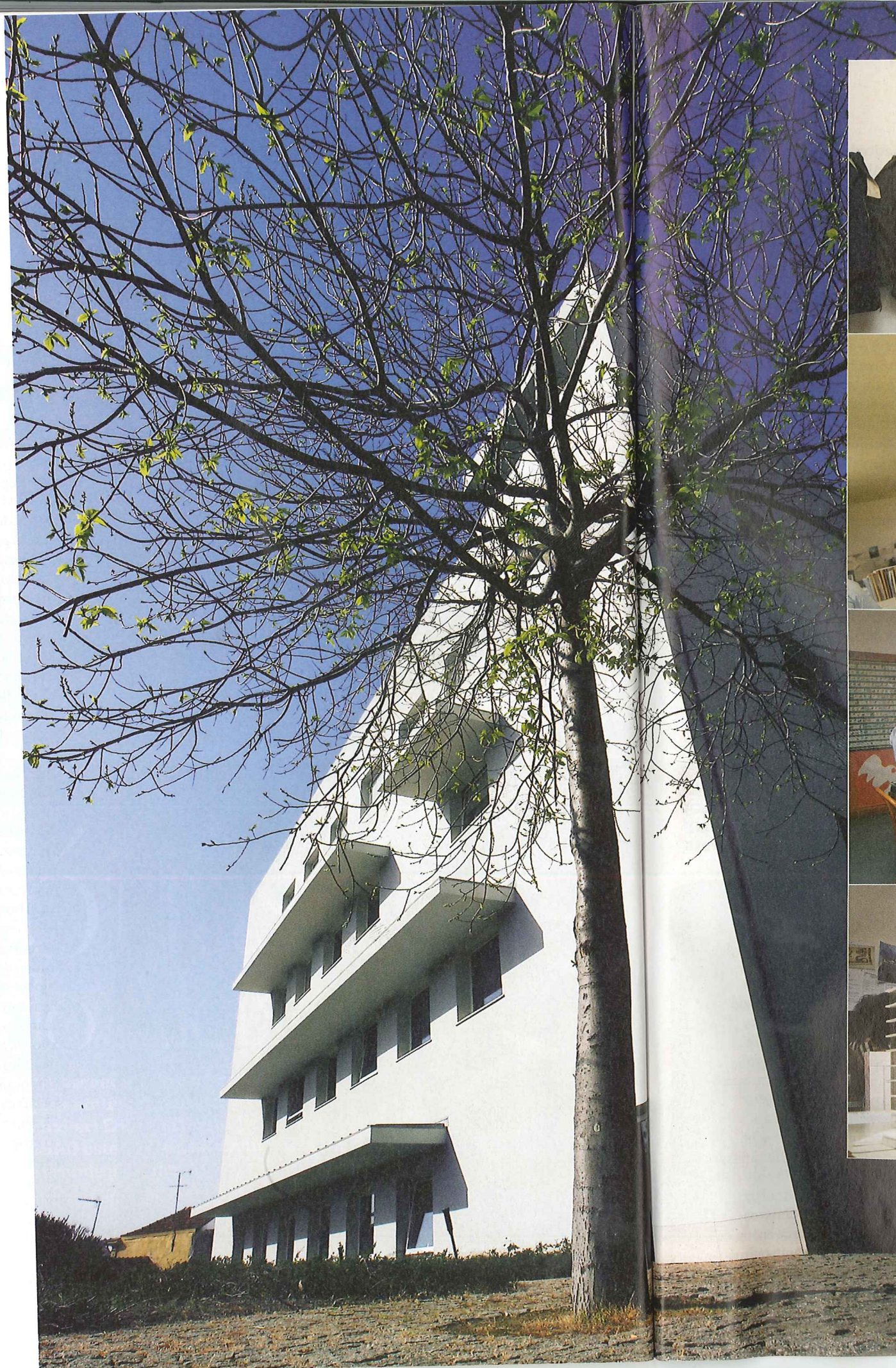
► nomia e a beleza» como preocupação principal.

Os conhecimentos adquiridos no pós-25 de Abril, no SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local, com projetos inovadores de habitação social – e o traquejo do contacto com os habitantes dos bairros degradados, revelou-se particularmente útil para Siza. «Dizíamos que o edifício tinha de ser feito ao gosto dos seus moradores. Tem graça, porque só em alguns pisos há janelas, rasgadas a nosso pedido», lembra Rogério Cavaca.

A distribuição do espaço foi consensual. Os mais novos decidiram entre si que o terceiro piso, com as melhores vistas, ficaria para Fernando Távora – o único que se encontra vazio, desde a sua morte, em 2005. «Eu brinquei: que peso me tiram de cima, aquilo vai meter água!», conta Cavaca. O restante espaço foi sorteado. Curiosamente, a hierarquia das idades acabou respeitada: Siza Vieira, 78 anos, no segundo andar; Cavaca e Souto Moura, 70 e 58 anos, a partilhar o primeiro. Restava o rés-do-chão, ocupado mais tarde pelo GOP, gabinete de engenharia com quem os arquitetos mantinham uma relação profissional regular. A cave foi a última a receber inquilino, o «benjamim» Álvaro Leite Siza Vieira, 48 anos, ou Alvarinho, como lhe chamam os amigos.

Encontro de génios

Não é a primeira vez que estes premiados pelo Pritzker partilham o mesmo espaço. Souto Moura fazia parte do grupo de estudantes que convidou Siza Vieira para trabalhar no SAAL, no Bairro de S. Vitor. «Como tive um curso de ausência de desenho, só com discurso, nós não sabíamos fazer projetos e procurámos o melhor. Foram tempos maravilhosos, de grande otimismo. Havia um país que se abria e se reconstruía.» A partir daí, cimentou-se a relação pessoal – Eduardo viria a casar-se com Luísa Penha, sua colega de curso e sobrinha de Siza – e profissional, mantendo-se como seu colaborador. Não por muito tempo. «Empurrei-o para tomar



Uma casa no Porto De baixo para cima: as instalações do GOP, gabinete de engenharia que ocupa o rés-de-chão deste edifício de arquitetos; Rogério e Cecília Cavaca no seu ateliê do primeiro andar; Souto Moura em ação, e pormenor do espaço que o novo Pritzker ocupa, também no primeiro andar

a decisão da autonomia, via-se logo que não era caso para ficar a trabalhar para outro arquiteto», recorda Siza. «Era muito inteligente e muito empenhado em relação à informação, não via apenas as revistas de arquitetura, lia muito e interessava-se por outros campos.» O diagnóstico do mestre foi certo. Pouco depois, em 1981, Souto Moura ganhou o concurso para a elaboração do projeto da Casa das Artes, no Porto, e conquistou a atenção dos seus pares, dentro e fora de portas – e com esse projeto conquistou a primeira edição dos prémios Secil, em 1992.

Siza mantém-se, contudo, como a sua grande referência. «É muito completo, dos pontos de vista pessoal e profissional. Estas coisas não andam separadas, os génios não costumam ser bandidos.» Com ele aprendeu a perseguir, incansavelmente, soluções para os problemas que se vão colocando ao longo de uma obra. «Isto não é uma profissão, é um modo de vida», afirma Souto Moura. «Se não consigo acertar na posição de uma janela, fico a pensar naquilo e não ouço ninguém.»

Colaboraram em alguns projetos. Da parte do discípulo, manteve-se uma certa cerimónia. «Quando se trabalha em conjunto, é preciso haver um mínimo de hierarquia. Pode não ser declarada nem subserviente, mas as pessoas inteligentes intuem as regras.» Há um caso paradigmático, em 2005, quando foram convidados para conceber o pavilhão temporário da Serpentine Gallery, nos relvados de Hyde Park, em Londres. «Parecia um jogo de xadrez. Sem vencedores, mas muito agradável. Sentávamo-nos à mesa e, à vez, íamos movendo as peças. Um colocava a dama e o outro dizia: 'Agora vou-te comer!'». No final, os colegas exclamaram: «Não parece um projeto vosso!» Com linguagens e pontos de vista diferentes, encontraram, nas dificuldades, terreno fecundo. «Não somos 'ámen'. Cada um aparece com as suas ideias e há uma abertura de novas vias a partir dessa confrontação», observa Siza.

O exemplo da Serpentine é igualmente citado para reforçar os traços de genialidade dos arquitetos. Tiago Figueiredo, colaborador de Souto Moura, resgata do seu arquivo alguns dos esboços iniciais do pavilhão: «As primeiras ideias são muito fortes. Estava ►



Mestre e discípulo «Quando se trabalha em conjunto, é preciso haver um mínimo de hierarquia. Pode não ser declarada nem subserviente, mas as pessoas inteligentes intuem as regras», diz Eduardo Souto Moura sobre os muitos projetos que partilhou com Siza Vieira

► lá tudo. O comum dos mortais não faz isto...» Pessoas fora de série, sim, mas de trato humilde e absolutamente empenhados no seu trabalho. «Tem de haver uma disponibilidade grande. Sai-me do pelo, mas vale a pena», diz Tiago, «e o exemplo vem de cima, eles trabalham mais do que qualquer um de nós.»

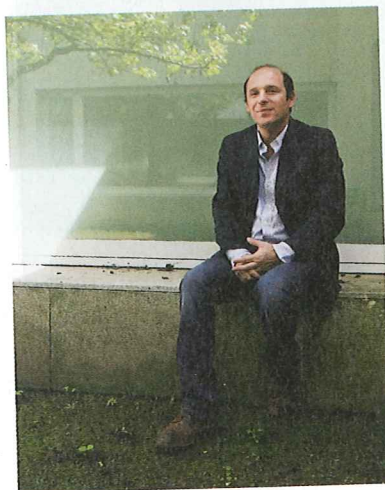
No gabinete de Siza Vieira, chovem pedidos de estágio, de todo o mundo. A equipa, com cerca de 16 arquitetos, integra, neste momento, dois espanhóis, um sueco, uma búlgara, um japonês e uma italiana. «Não foi fácil, como é um ateliê pequeno, não há muitos lugares...», diz a búlgara Ina Valkanova, 26 anos, com uma bolsa internacional. Durante o curso, tirado na Alemanha, abordou várias vezes a obra de Siza. Como a mãe vive no Porto, já tinha visitado algumas das suas edificações. «É uma arquitetura mais introvertida, muito bem implantada no local, mas de difícil leitura. É preciso fazer vários percursos e, de cada vez, temos uma surpresa.»

O sueco Hans Ola Boman, há nove anos no ateliê, nunca pensou ficar tanto tempo. «Tem sido um desafio constante, só nos últimos anos consegui captar toda a complexidade da sua obra.»

Contexto privilegiado

Várias gerações da chamada Escola do Porto estão representadas no edifício da Rua do Aleixo. Mas os arquitetos dividem-se quanto à importância e significado desta formação comum. «Aqui, no Porto, criou-se um ambiente que não tem a ver com a 'escola', uma palavra muito institucional. Há uma continuidade de conhecimentos e de amizades

que não têm só a ver com arquitetos, mas também com construtores, operários, carpinteiros e engenheiros que trabalharam connosco. Existem rivalidades e crispações, mas fala-se de tudo à mesa, não guardamos pedras nos sapatos», conta Souto Moura. O grupo é exemplar nesse aspeto, com uma ligação afetiva e um respeito mútuo enormes. Basta recuar no tempo e ver o caso da Casa de Chá da Boa Nova, em Matosinhos, uma das primeiras obras de Siza Vieira (1958-1963). Ganha em concurso por Távora, as viagens prolongadas para fora do País levaram-no a entregar o projeto ao seu estagiário de então. «No final, teve o *fair play* de considerar melhor o trabalho desenvolvido pelo



'Sou um bocadinho cowboy solitário', diz Álvaro Leite Siza Vieira, que ocupa a cave do edifício

meu pai, numa atitude séria, de grande nobreza», conta Alvarinho. Hoje, o filho de Siza acredita não existir nada de semelhante nas novas gerações de arquitetos. «Houve uma transformação brutal, com a pressão dos mercados. Como somos muitos, há uma competição doentia.»

As paredes do escritório de Rogério Cavaca são uma prova dos pilares de afetos que sustentam o edifício. Dezenas de desenhos de Siza registam encontros do grupo. «Tem um traço compulsivo, ninguém mais se atreve a pegar no lápis quando nos juntamos.» Estados Unidos, França, Finlândia, Suécia, México, Brasil, Turquia, Grécia... foram alguns dos destinos percorridos em conjunto. «Normalmente, é a Cecília [sua mulher, igualmente arquiteta] quem organiza os programas das viagens. Vemos obras e, muitas vezes, marcamos com colegas visitas guiadas.»

Natural de Lisboa, mas formado pela Escola de Belas Artes do Porto – onde estava sediada a faculdade de arquitetura –, Rogério acabou por aqui ficar e desenvolver a sua carreira, sobretudo, em cooperativas de habitação. «Não tenho, relativamente à profissão, a ideia de não fazer mais nada. No caso do Eduardo e do Álvaro, a dedicação é a 100 por cento. Não veem e não falam de outra coisa. De vez em quando, ralho com eles, porque é pressão a mais.» Para desanuviar, têm todos os dias encontro marcado para lanchar numa salinha do gabinete de Cavaca. Com bolo caseiro e outros mimos.

Rodopio entre andares

Desçamos agora ao rés-do-chão, ao encontro de João Maria Sobreira e Jorge Nunes da Silva, os engenheiros responsáveis pelo GOP, uma sociedade formada com os ventos da revolução, em 1975. Um dos primeiros trabalhos deste gabinete, no pós-25 de Abril, foi, exatamente, o bairro da Bouça, com Siza Vieira, no âmbito do SAAL. O projeto inovador de habitação social deu a conhecer a arquitetura portuguesa ao estrangeiro e esteve na origem de várias teses universitárias e estudos.

A partir daí, sucederam-se as colaborações do GOP com vários arquitetos da Escola do Porto. «Crescemos em conjunto. Há uma aprendizagem mútua da evolução do que se pode fazer, nós

► porque somos obrigados a acompanhá-los e eles porque querem ir sempre um bocadinho mais longe», conta João Maria.

A proximidade física proporcionada pelo edifício permitiu-lhes estarem presentes quando os arquitetos ainda se encontram a apurar conceitos. «Como é fácil falarmos, acredito que, ao estabilizarem as ideias, tenham em atenção as nossas conversas. E na nossa engenharia há uma vontade muito grande de abrir horizontes», diz Jorge Nunes da Silva. Utilizam as escadas e o elevador. As alterações aos projetos são constantes, obrigando a um grande jogo de cintura. «Não há conflito, sabemos que o projeto só está concluído quando a obra acaba.» Uma atitude comum a estes prémios Pritzker. «Por caminhos diferentes, têm sempre uma inquietação, não há nada que não possa ser repensado ou reestudado. Isto é interessante porque também nos estimula», acrescenta Nunes da Silva.

Basta circular um pouco pelo gabinete para reconhecer vários projetos recentes dos arquitetos nos ecrãs dos computadores. Dentro da equipa, multiplicam-se os elogios ao trabalho de Siza Vieira e Souto Moura, com quem todos sentem partilhar, de alguma forma, os prémios. «Podem insistir num pormenor que, no imediato, não percebemos. Mas, no final, olhamos para aquilo e pensamos: valeu a pena!» Foi assim com todos os projetos mais esforçados, em que estiveram envolvidos: de Siza, a Faculdade de Jornalismo, em Santiago de Compostela, o Museu Iberê Camargo, em Porto Alegre, a biblioteca da Universidade de Aveiro; de Souto Moura, o Mosteiro de Santa Maria do Bouro e o Coliseu de Viana do Castelo. «Com estes arquitetos é preciso discutir até ao limite, mas nunca ficamos frustrados com os resultados.» Entre os colaboradores, há quem recorde o exemplo brasileiro: «Foi muito engraçado quando fomos a Porto Alegre, porque as pessoas estranhavam a falta de janelas. No entanto, quando se está dentro do museu, as janelas são enormes. Será isto a genialidade?»

Obras paradas

Álvaro Leite Siza Vieira, Alvarinho, conhece bem o estigma, forte em Portugal, de «ser filho de». Algo de que se libertou, definitivamente, com o projeto



Uma casa de afetos Ao ateliê de Eduardo Souto Moura na Rua do Aleixo continuam a chegar amigos para cumprimentarem o arquiteto português pela conquista do Prémio Pritzker

da Casa Toló, construída em Ribeira de Pena, objeto de doutoramentos, pós-graduações e divulgação em inúmeras revistas. Começou por estagiar com Souto Moura. «Caía mal fazer o estágio com o meu pai, podia causar desconforto a ambos.» Mas ficou apenas durante alguns meses. «Surgiu a oportunidade de fazer trabalhos e agarrei-a com entusiasmo. Tinha algo a dizer, convicções fortes e apetecia-me ter o controlo criativo e não seguir metodologias ou desenvolver criações de outros.»

No início da carreira, houve quem o procurasse pela publicidade associada ao nome do pai, a custos mais baixos, independentemente da qualidade dos projetos. Sentiu necessidade de se afastar da proteção do grupo e seguir um caminho independente. Escondido na cave do edifício da Rua do Aleixo, um espaço privilegiado «para olhar para dentro, com uma tranquilidade boa», raramente se cruza com os outros arquitetos. «Sou um bocadinho *cowboy* solitário, uma solidão que me permite experimentar ideias novas, muito distantes de quaisquer tendências.» Por isso, não se vê como a geração seguinte da Escola do Porto.

‘Com estes arquitetos é preciso discutir até ao limite, mas nunca ficamos frustrados com o resultado’

A crise instalada em Portugal tornou escassas as oportunidades de mostrar obra. Uma conjuntura comum aos vários pisos do edifício. «Os projetos estão todos parados», repetem. A maioria dos gabinetes teve de reduzir o pessoal. Nas paredes, apontam-nos várias plantas a aguardar melhores dias. «Agora, só ouço falar de desgraças e dos mercados, que eu não sei quem são nem onde estão...», diz Souto Moura. Segundo Joana Corrêa, sua colaboradora desde 1998, «isto funciona por ciclos; quando o panorama nacional é mau, isso reflete-se no escritório». Mas confia na publicidade do prémio Pritzker para servir como força de desbloqueio e de ânimo. Nos últimos dias, tem sido «um afogadilho», conta o arquiteto, que recebeu vários pedidos de entrevistas. E algumas boas novas. No Minho, fala-se em mais apoios para o Coliseu de Viana do Castelo, podendo cumprir-se, finalmente, o plano da marginal idealizado, em tempos, por Fernando Távora. De Abu Dhabi, chegou o aval do *sheik*, obcecado por conseguir um Pritzker europeu, para um projeto que tardava a ser entregue. Siza Vieira tinha recusado as deslocações cansativas ao Médio Oriente e sugerido, em alternativa, o nome de Souto Moura. Mas a recomendação do mestre não tinha sido suficiente para desbloquear as negociações. Com a notícia do prémio, o contrato está prestes a ser assinado. ▣